

NARRATIVA E IDENTIDADES PROFISSIONAIS NA ÁREA DA SAÚDE

Aluna: Juliana Ribeiro Lima
Orientadora: Liliana Cabral Bastos

Relatório Anual

2006 – 2007

1. Introdução

Neste relatório, apresentarei as atividades realizadas como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no período de agosto de 2006 a julho de 2007.

Nosso projeto insere-se em um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Identidade social e trabalho: a colaboração interdisciplinar de profissionais de saúde na fala sobre violência*, apoiado com bolsa de produtividade de minha orientadora (PUC-Rio/CNPq no. 301334/2006) e contemplado com auxílio financeiro dos editais números 032/2004 e 50/2006. Neste projeto, examinamos, com base em uma abordagem interacional para o discurso [6], reuniões de um grupo de profissionais de saúde de um hospital público do Rio de Janeiro, que orientam profissionais que lidam com crianças e adolescentes vítimas de violência. No período em pauta, nosso objetivo foi identificar narrativas produzidas nas reuniões e analisá-las em interface com diferentes dimensões das identidades profissionais dos participantes do grupo.

2. Atividades desenvolvidas

2.1. Primeiro semestre (2006.2)

Em 2006.2, nossa principal proposta de trabalho era, primeiramente, identificar narrativas emergentes nas reuniões do grupo de profissionais de saúde (GPS) e, então, analisar o funcionamento de tais narrativas na construção da identidade profissional do grupo. Foram examinadas quatro reuniões de trabalho, das quais selecionamos um total de 19 narrativas, classificando-as em: curta, limítrofe, hipotética e mais ou menos padrão¹.

A partir da organização dos dados da pesquisa, pudemos analisar as narrativas mais profundamente e, portanto, desenvolver um artigo acadêmico no qual apresentamos os resultados parciais da pesquisa. Apresentei o trabalho no Seminário Anual de Iniciação Científica da PUC-Rio e recebi elogios pela profundidade da análise dos dados. Com base nesse artigo, me inscrevi, em co-autoria com minha orientadora, para participar do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e obtivemos notificação de aceite do comitê avaliador, com conceitos "Excelente" e "Bom".

Em 2006.2, também participei do II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, evento realizado na PUC-Rio, promovido em parceria com a UFRJ, e coordenado pela Professora Liliana Cabral Bastos, minha orientadora. Exerci, durante os três dias do simpósio, a função de coordenadora de sessão. Além disso, realizei tarefas como a transcrição de uma reunião do GPS², leituras e resenhas de textos relacionados ao conteúdo da pesquisa e participei ativamente das reuniões quinzenais do grupo de pesquisa (GRpesq-Narrativa, Identidade e Trabalho), nas quais discutimos trabalhos em andamento e pesquisas publicadas em livros e periódicos da área³.

2.2. Segundo semestre (2007.1)

¹ Veja exemplos no item 3.2.

² Veja a transcrição no Anexo I.

³ Veja cronograma de atividades do grupo de pesquisa no Anexo II.

Em 2007.1, participei, com o apoio financeiro da Vice-Reitoria Acadêmica, do V Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, durante o período de 28 de fevereiro a 3 de março de 2007, apresentando o trabalho “Narrativa e identidade de profissionais de saúde em reuniões de trabalho”⁴. Neste congresso, pude assistir a palestras e apresentações de diversos trabalhos, o que acrescentou muito ao meu desenvolvimento acadêmico. Entre as apresentações que mais me chamaram a atenção, posso destacar o trabalho “*Você é mulher, mas é uma pessoa*”: *emergência e gerenciamento de sub-identidades em uma situação de conflito*, de Raquel Brigatte, e a comunicação coordenada *Identidade e exclusão*, com os professores Kanavillil Rajagopalan, Ruberval Ferreira e Dina Maria Martins Ferreira.

Ao voltar da viagem, cuidei da atualização do banco de dados de narrativas, arquivando materiais e catalogando-os, e continuei participando das reuniões quinzenais do grupo de pesquisa (Grpesq-G-NIT). Retomei a análise dos dados, examinando novamente as reuniões e estudando que ponto poderia ser aprofundado na próxima fase da pesquisa. Levando em conta a peculiaridade dos dados e, conseqüentemente, da pesquisa em si, decidi dar continuidade à primeira análise, observando narrativas consideradas curtas e tratando da forma como os participantes as organizam e como elas funcionam na dinâmica interacional das reuniões.

3. O projeto

3.1. Proposições de trabalho e considerações teóricas

Na presente pesquisa, foram analisadas reuniões de trabalho de um grupo interdisciplinar de profissionais de saúde, com o uso de gravações em áudio e notas de campo. Nossos objetos de estudo são as narrativas que emergem nas reuniões, que são elementos importantes para a compreensão de como os participantes se vêem, vêem a comunidade à qual pertencem e o mundo de um modo geral.

O estudo de narrativas vem gerando grande interesse, pois, através delas, mostramos quem somos e negociamos nossa identidade de modo a justificar nossos atos e papéis sociais. Mishler [9] supõe que “sobre o que quer que seja a estória, ela é também uma forma de auto-apresentação, ou seja, uma identidade pessoal e social específica está sendo sustentada”. Bastos [4] afirma que as narrativas são também um modo de compreender as relações sociais. Ela diz que “nessa atividade de narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca”.

Segundo Labov [8], em seu trabalho pioneiro, narrativa é um método de recapitular experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações com uma seqüência de eventos. Em adição à perspectiva de Labov, Georgakopoulou [5] nos apresenta dois tipos de práticas narrativas: narrativas de eventos passados e narrativas de eventos projetados para um futuro próximo, os quais podem ser facilmente combinados durante as práticas discursivas.

Buscamos compreender, em nosso estudo, como os sentidos são localmente construídos durante as narrativas. De acordo com Gumperz [6], “para se entender questões de identidade e de como elas afetam e são afetadas pelas divisões sociais, políticas e étnicas, é necessário compreendê-las dentro do processo comunicativo no qual elas emergem”. Entende-se, assim, que as identidades sociais são dinâmicas e construídas nas interações [2; 3]. Dessa forma, analisamos narrativas tentando compreender de que modo cada participante vê a situação conversacional em que está participando e constrói sua identidade social/profissional discursivamente, se posicionando diante do que é contado.

⁴ Veja o texto encaminhado para publicação na Revista da ABRALIN no Anexo III.

Observar narrativas produzidas em reuniões de trabalho pode contribuir muito para a compreensão de como as identidades pessoais e profissionais são construídas. Durante as reuniões de trabalho, “os indivíduos modelam suas narrativas e identidades em resposta aos comentários dos outros” [7]. Pela análise de reuniões desse tipo, também se torna mais fácil identificar como se manifestam as relações de poder e os papéis sociais, além do contexto institucional no qual as interações ocorrem [1].

3.2. Breve panorama da análise dos dados

O primeiro passo do processo de análise dos dados foi identificar narrativas nas reuniões. Após a identificação, foi feita uma classificação das narrativas coletadas em: breve, limítrofe e hipotética. As narrativas a seguir exemplificam essa classificação.

Narrativa breve – narrativa de curta duração que apresenta menos elementos labovianos, tais como orientação e avaliação, em sua estrutura.

Rute: °[é:::]↑ não é menino demais da conta, nossa (0.8) hoje foi brabo. tava dizendo pra Lili que as duas família que tiveram ontem aqui me- (.) eu sei que hoje de noite eu vou pensar eu tenho horror quando eu vou pra cama () /.../

Narrativa limítrofe

Constatamos que as narrativas limítrofes podem ser de dois tipos:

a) Narrativa semelhante a um simples relato – pode apresentar apenas uma das características labovianas essenciais: ter duas ou mais orações narrativas em seqüência temporal.

Mara: aquela carta (0,5) que nós fizemos que a essa que você tá comentando ela já foi encaminha pra direção?

Rute: °ah não sei°

Mara: foi! (1.2) foi encaminha para a direção

Rute: <<°foi°>> lídia foi a primeira a receber(.) e o João Paulo parece que recebeu=

Mara: =↑a::nd?

Rute: ↑and <vocês sugeriram que eu pessoalmente com a minha agenda para não ter conflito de datas=

Mara: marcasse com [as

Rute: [com os chefes. (.) que eu fiz,(.) fui pros dois que eu considerei os prioritários

b) Narrativa quase padrão – apresenta características de narrativas canônicas (labovianas), mas pode se diferir do padrão em algum aspecto. A narrativa pode apresentar orações narrativas em seqüência temporal, mas sem, necessariamente, virem uma após a outra na organização da narrativa (veja exemplo abaixo).

Júlia: =mas você sabe o o sabe assim que eu acho que isso é válido lidar com profissionais. :eu peguei um texto, de uma profissional (.) da profissional é: (0.8) assim >sabendo< o que tá acontecendo na atualidade, liGAda a políticas públicas, (0.5) e que peguei o texto dela e vi tinha as>sim ERROS de chegar estupro encaminhar para o boletim para a ocorrência poliCIAL. ver médico LEGAL. [é:(0.5) avisar a família=

Narrativa hipotética – apresenta uma hipótese levantada pelo(a) narrador(a) e baseada em sua experiência pessoal.

Norma: >e TEM<(.) :aquela sua própria dúvida(0.8) eles não têm aqui uma referência pra eles chegarem e dizerem “não eu vou levá-la para o caso de poder discutir que de repente eles podem me dizer ‘não você tá com uma falsa impressão não é nada disso.’” ou como é que eu vou notificar uma coisa [que não tenho certeza

Após a classificação das narrativas, fizemos uma análise prévia acerca dos tópicos tratados em cada uma delas. Selecionamos, portanto, segmentos (narrativas e fragmentos de narrativas maiores) que traziam mais claramente nossas hipóteses e partimos, então, para a micro-análise dos dados selecionados⁵.

Em nossa primeira proposta, analisamos como se constrói a identidade social/profissional de Rute e Júlia, duas médicas pediatras, sendo a primeira a coordenadora do grupo. Partindo dos pontos alcançados, iniciamos o desenvolvimento de uma nova proposta de análise dos dados. Considerando que não há muitos estudos sobre narrativas consideradas breves na literatura, resolvemos desenvolver a análise de narrativas desse tipo.

Com base nos segmentos selecionados para a nova fase da análise, vemos que as narrativas curtas funcionam, principalmente, como fonte de argumentação em relação a um assunto que está sendo discutido na reunião e para exemplificação, trazendo uma estória da experiência pessoal da narradora.

Apresentamos, abaixo, dois segmentos que ilustram nossas observações. A narradora (Norma) é médica, ginecologista. As falas a seguir foram produzidas na primeira reunião analisada, cujo tópico central era o desenvolvimento de um fluxograma para otimizar o trabalho do grupo dentro do hospital.

Segmento 1

/.../

Norma: Maria Cristina ah: Maria Lúcia da dermat. TEve um problema (0.5) dela achar que ela >tava< ↑suspeitando de maus tratos, ela ↑veio a mim na gineco, eu ↑achei que era maus tra:tos, eu achei que=

Mulher: [.hhh]

Norma: =era um <abuso sexu[al]> ,=

Pedro: [ã::

Norma: =aí ela ficou- naquela “↑ah >mas a família não pode parecendo que é abuso< não, mas ↑>comé que eu vou fazer isso?, eu vou constranger a família?, a família tá toda alarma:da, fica-” ↓<nesse momento eu acho que o GEP serve para chegar e mostrar pra ela “olha-”

Segmento 2

/.../

Norma: =não sei o que. caso que veio pela gineco porque eu quis não sei que, ou júlia trazendo outro caso problemático. (.) quer dizer- você trazendo caso. que que faço com essa criança? todo mundo discutiu!

Júlia: é:

Norma: ↑a: notifica não notifica faz- não a: te:m que notificar. ↑se lembra daquele último caso que a gente discutiu:? Agora [um profissional que não sabe-

⁵ Veja Anexo III: Texto encaminhado para publicação na Revista da ABRALIN

Mara:	[aquele próprio que o: >serviço social<
	trouxe
Norma:	aquele? do serviço social=
Rute:	no:ssa
Norma:	>quer dizer<, chega um profissional, que não tá habituado a lidar com abuso sexual, ou violência ou ou não tem os olhos voltados pra isso. (1.2) :de repente ele faz um cur:so, ele é estimula:do a ter uma abertura maior:.uma região maior. :ele passa a enxergar aquilo. (0.5) ↓aí ele diz “pô e agora? (1.0) será que eu tô fantasian:do? (1.2) será que eu não tô fantasiando. eu vou vou conversar com as pessoas que estão mais aqui fora () e que discutem isso e que podem ↑talvez me dar uma luz.” ↓aí chega pra rute e diz “rute dá pra você dizer () esse cara?”=

Podemos observar, por meio dos segmentos 1 e 2, que as narrativas de Norma têm função argumentativa, ela tenta convencer o grupo de sua posição com base no tópico que está sendo discutido. Ela mostra, em sua fala, a importância de discutir casos com o grupo, de um profissional ajudar o outro na identificação de casos: “caso que veio pela gineco porque eu quis não sei que, ou júlia trazendo outro caso problemático. (.) quer dizer- você trazendo caso. que que faço com essa criança? todo mundo discutiu!”.

Norma mostra, ainda nesses dois segmentos, a reflexão dos profissionais sobre como devem proceder em relação aos casos que atendem e em relação às famílias dos pacientes e ela mostra também sua própria reflexão sobre a função do grupo em relação aos casos.

3.3. Conclusões

Observamos, por meio de nossa pesquisa, que as identidades sociais/profissionais dos participantes do grupo são construídas durante suas narrativas, mostrando diferentes dimensões de sua identidade.

As narradoras manifestam sentimentos em suas falas e tratam do sofrimento e de situações de angústia, o que constrói envolvimento entre as participantes e os tópicos narrados. Por meio de suas narrativas, elas demonstram grande capacidade de reflexão e crítica em relação ao seu próprio comportamento enquanto profissionais. As narrativas funcionam como meios de conexão do grupo, no sentido de que as participantes compartilham sentimentos e mostram a importância do grupo no ato de formular decisões.

A partir da análise de narrativas que emergem durante as reuniões, pudemos perceber que as profissionais constroem discursivamente suas identidades como pessoas altamente envolvidas profissionalmente, que carregam consigo preocupações com o sofrimento do outro.

Na segunda fase de nossa análise, examinamos apenas narrativas consideradas breves. Como ainda são muito poucos os estudos sobre narrativas breves no Brasil, consideramos nosso trabalho bastante relevante para a pesquisa em narrativa. No contexto de reuniões de trabalho no ambiente hospitalar, percebemos que, contando narrativas breves, os profissionais manifestam como o grupo é importante no cotidiano do trabalho, identificam problemas e tomam decisões. As narrativas breves são, assim, elementos importantes para a compreensão das relações entre o grupo, pois expressam, por exemplo, como os profissionais se relacionam com as famílias dos pacientes e mostram reflexões sobre como devem proceder.

4. Avaliação da participação

Os semestres de 2006.2 e 2007.1 foram muito proveitosos para o desenvolvimento da pesquisa e para o meu progresso científico. Nestes dois semestres, me dediquei principalmente à análise dos dados e ao desenvolvimento de trabalhos acadêmicos baseados nessa análise. Participei de dois eventos: um simpósio nacional e um congresso internacional, sendo este último o evento mais importante da área de Linguística no Brasil. Essa inserção na área da pesquisa fez com que eu me interessasse ainda mais por desenvolver minha carreira acadêmica, trazendo idéias para projetos futuros.

Além do desenvolvimento do projeto, também penso que a pesquisa tem contribuído para meu aprimoramento dentro do meu currículo acadêmico, já que nossas leituras e discussões no grupo de pesquisa me forneceram maior embasamento teórico para refletir sobre as diferentes áreas de pesquisa e atuação.

A orientação que recebi da Professora Liliana Cabral Bastos também foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa durante os dois últimos semestres. A professora demonstrou interesse pelas contribuições que eu pude trazer para nossas discussões e me incentivou no desenvolvimento de trabalhos e na participação em eventos científicos.

5. Referências

- 1 - BARGIELA-CHIAPPINI, F.; HARRIS, S. J. Interruptive strategies in British and Italian management meetings. *Text*, v.16, n.3, p. 269-297, 1996.
- 2 - BASTOS, C. R. P.; BASTOS, L. C. Trabalho muito, sou amigo, sou um cara vencedor. In Congresso da ASSEL-Rio, 12., 2003, Rio de Janeiro. **Anais do XII Congresso da ASSEL-Rio**. Rio de Janeiro: UERJ/FFP, 2003. (No prelo)
- 3 - BASTOS, L. C. Fala treinada, tecnologia e identidade de gênero em atendimentos telefônicos. Volume temático 'Questões de Linguagem e Identidade'. **CROP**, n.9, Humanitas FFLCH/USP, ISSN: 1415-62253, p.31-53, 2003.
- 4 - BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v.3, n.2, 2005.
- 5 - GEORGAKOPOULOU, A. Looking back when looking ahead – On adolescents' identity management in narrative practices. In ANDROUTSOPOULOS, J. K.; GEORGAKOPOULOU, A. (orgs.) **Discourse Constructions of Youth Identities**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 75-91.
- 6 - GUMPERZ, J. J. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1982.
- 7 - HSIEH, E. Stories in Action and the Dialogic Management of Identities: Storytelling in Transplant Support Group Meetings. **Research on Language and Social Interaction**, v.37, n.1, p.39-70, 2004.
- 8 - LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- 9 - MISHLER, E. The Analysis of Interview-Narratives. In SARBIN, T. (org.) **Narrative Psychology**. The storied nature of human conduct. New York: Praeger, 1986. p. 233-255.

ANEXOS

ANEXO I
Transcrição da Reunião 8

Rute	parece que eles têm uma quadra () uma coisa assim lá no(),=
Liliana	ah sim
Rute	=que é uma espécie de reunião..=
Liliana	uhum
Rute	=que Cléia (). e a reunião era às quatorze, só que.. ↓chegou quem faltava.. ↑só que a reunião foi ANtecipada pras treze..=
Liliana	ah sim
Rute	=e Cléia pediu que fossem pontuais e que (). então eles já foram, já se mandaram pro (clac). tenho que justificar também a ausência de Norma, da ginecologia=
Liliana	=que é super assídua também
Rute	=NOssa, total ()
	() tá de férias
Rute	tá de férias
	a Eliane tá de férias também?
Rute	a Eliane tá de férias, mas a Paula Figueiredo me encontrou no recursos humanos e disse que mandaria uma pessoa
	((incompreensível – conversas paralelas))
	() nós somos as menos pontuais=
João Paulo	=eu tentei cumprir o horário também=
Rute	=em uma hora a gente acaba. então assim a pauta de hoje são dois né, querida? dois casos
	são são
Rute	um caso que a Selma tá trazendo da pediatria ()
João Paulo	não sei se a Rute falou, mas aquele pedido lá do:: ().. é:: que::... surgiu uma oportunidade que::
	((2 min. incompreensíveis – conversas paralelas – João Paulo explica algo))
Jane	então vou dar o meu informe rapidinho então, antes da Selma. assim, ontem teve reunião da: chama comissão interinstitucional interdisciplinar assim de::: como é o nome? um grupo do EStado que acompanha casos de maus tratos através das notificações, que é enviado pela apabe, que é:: u:: ã::: APABE.. A P A B E...
Júlia	apoio as pessoas com
Rute	não não
Júlia	associação?
Rute	também não é associação ... esqueci o que que é o A ()
João Paulo	((incompreensível))
Mulher	então que que acontece, isso é um negócio do estado.. liderado pelo estado, a coordenação que trabalha lá é do estado, a Luiza Passos é a pessoa, coordenadora desse grupo, que é formada por ene instituições.. ontem tinha nós éramos quase umas quinze pessoas eu acho.. e::: o ias ((nome do hospital)) é representado pela Mara e por mim. e:: tem ufrj, a coordenadoria da ()=
João Paulo	=mas é ong=
Rute	=NÃO, é institucional
Júlia	ligada a questao DA saúde?
Rute	NÃO, tem de tudo
	tem discutido até essa coisa eles pediram foi feito um processo pra informar do que seria preciso assim MUito formalmente, [tem um diretor de indicação, né?]
Rute	[mas agora tem ()] e o nome do titular e do suplente ()

	mas porque que eu falei isso tudo? ah, porque ontem foi apresentado um trabalho ENcomendado pelo estado, a secretaria estadual de saúde, pra:: eh avaliar o que que tem acontecido com as notificações desde o ano de dois mil. então eles fizeram um trabalho em cima de três anos, dois mil, dois mil e um, dois mil e dois. de janeiro de dois mil a dezembro de dois mil e dois. então são... () aí fizeram uma análise do trabalho de quarenta e quatro páginas, bastante extenso, e (devolveram) esse trabalho pro José Alfredo Barbosa que é da puc.
Liliana	hum... e esse trabalho tá disponível?
Rute	eu tenho no email, se você quiser eu te passo.. mas é uma minuta, ainda não é o definitivo.
Mulher	José Alfredo Barbosa que é da funabem?
Rute	é, um escuro.
Liliana	a::h, tá.
	então=
	escuro que cê fala é PREto, NEgro, MAgro.. a::h tá.. terno preto aqui () (risos).
Rute	é, afrodescendente.
	escuro, escuro só gumex!
	a::h é:: escurinho só gumex.
João Paulo	então quando fala aquele clarinho ali é falta de (respeito).
Rute	[bom, resumindo]
	[((risos e falas paralelas incompreensíveis))]
Rute	então porque que eu contei, porque foi no caso do texto dele nesse trabalho que cita, NOS cita como u::ma: iniciativa do estado de apoio a:o profissional.
	((conversas paralelas))
Rute	alguém mais tem algum informe? ((2,0)) não? então vamos lá, Laura?
	hum hum
Júlia	gostei tanto da presença do João Paulo aqui, não é? pra amarrar a coisa que a gente queria com ele, isso já foi conversado. [ou talvez não importa=]
	[(())]
Júlia	=não, não sei, porque não tinha alguém lá, ele que falou que não precisava, não tinha alguém que decidisse..
	embora, fui eu que () ((conversas paralelas))
João Paulo	eu até fiquei um pouquinho preocupado por causa do que você me informou, que apesar de todos os investimentos que têm sido feitos em cima do profissional, o retorno tá sendo menor que o esperado.
	isso.
João Paulo	()
Júlia	() ((subindo o tom)) a estratégia que a gente imaginou é sobre isso.
Rute	() chegou à conclusão que seria interessante como uma estratégia que a direção e o hospital convocassem a todos os chefes de departamento, () etc, pra que eles então ouvissem de nós esse tipo de eh::: estranhamento. após dois meses e toda a movimentação que tem sido feita desde agosto de 2000, quando o GPS nasceu, o retorno tem sido aquém da expectativa a partir dessa [()]
João Paulo	[embora o acesso ao curso] tenha sido maravilhoso né?
Rute	ah sim.. o que nós fazemos aqui é () que são exatamente os profissionais mais ligados..
	((conversas paralelas)) desculpa.
Rute	mais ligados () e a gente consegue e fica uma coisa só pra uso externo, a gente existe, a gente é maravilhoso tanãã.. mas cadê o impacto?
João Paulo	agora dentro do vale pergunta ou ()?
Mulher	vale pergunta é igual Valdomiro, você pergunta ele não responde. (risos)
	(risos) ()

João Paulo	não, que a minha questão é a seguinte.. vou até dizer da minha vivência.. eh:: o medo é imenso, tenta até não ver o problema pra não=
	=pra não ter que olhar depois e depois=
João Paulo	=esse era o grande problema, ninguém queria ver.. então surgiu a oportunidade, então como será que as pessoas saem do curso? elas saem seguras, tem alguma avaliação se elas saíram seguras? porque isso é um preconceito, um problema se a pessoa ainda (). tem alguma avaliação? são essas perguntas, tem alguma avaliação de resultado? quem fez o curso sai seguro de fazer aquilo? essa é a primeira questão. a segunda questão que eu tenho é assim, a população que a gente atende provavelmente não é aquela que vem com a violência e o abuso sexual, TALvez, não sei. mas sendo adolescente, vocês que atendem adolescentes podem conhecer isso mais de perto, eu vou dar um exemplo na pediatria, não é tão freqüente a POSSibilidade, que nem é um pronto-socorro, da violência sexual, mas o que a gente PODE ver aqui dentro é mais a violência do descuido. ((falas paralelas)) do sujinho o::u do magrinho, porque não são aquelas crianças bonitinhas das mães, são as crianças que podem ser rejeitadas pelo pai, pela mãe, pela família. isso é uma coisa.. nosso grupo foi.. nosso grupo foi sinalizado olhar pra isso, porque pra mim violência é (moral) e sexual né?
	((conversas paralelas))
Júlia	() o que a gente aqui também percebeu é que não tem uma avaliação formal, mas a avaliação informal é que as pessoas saem REalmente sensibilizadas, tanto que agora tem uma história que tá acontecendo agora com o (cinto) de segurança, eles saem sensibilizados, são sensibilizados duas semanas, vai diminuindo vai diminuindo, tem que ter a coisa da educação continuada, até a gente fez né, foi feito aqui um fluxograma que vai ser colocado nas salas, lembrado de volta e tem que tar sempre sendo retomado até mudar uma cultura. é isso que cê falou, isso ta impregnado.. não é um curso.. de uma semana, quarenta horas, que vai modificar postura.. né? então isso é com o tempo, e se a gente tem idéia, a gente não se sente frustrada com isso não, a gente tá constatando estratégias porque a gente também não pode fazer () ((ritmo mais rápido)), são estratégias pra ver se a educação continua. outra coisa é que os casos, sem dúvida, não é emergência também né, (apresentam) um volume muito maior. a gente acha que o volume de atendimento no antônio silveira ((nome do hospital)) não é um volume grande, a gente não tem um volume GRANde de atendimento, não é a função desse instituto.. né. mas de qualquer forma os casos de negligência, até porque sou eu até que coordenei os casos de negligência e os casos de negligência é discutir maus tratos psíquicos e físicos, ((falas paralelas)) sem ser de violência física né, de levar pancada isso realmente é mais emergência, o próprio abuso sexual, isso sem dúvida a emergência mesmo proporcionalmente é maior.
Jane	não, porque quando ele colocou assim, mas será que os profissionais dos hospitais têm recursos né, se sentem é:::=
	=seguros=
	=seguros pra:: pra modificar. então aí eu vou, o nosso curso nós planejamos como de sensibilização.. então a gente não fez um curso ainda pra é: redigir uma notificação, ou então pra dizer como você preencher, voltado mais pra notificação, eu acho que talvez a gente tivesse que, nesse último curso eu percebi que mu:itas pessoas colocavam a notificação, colocavam toda hora a questão da notificação e o medo de, o medo muitas vezes não estava sendo colocado, mas você percebia que existia um receio de preencher a notificação. então esse último curso que teve também um pessoal muito de fora né, e eles se colocaram dessa forma a questão da notificação, eu acho que é um caso pra gente pensar e:: dar um enfoque mais forte na questão da notificação, talvez isso seja=
João Paulo	= e essa questão da notificação que você diz é o papel que o diretor assina?
	ou o diretor assistente.
	((incompreensível – falas paralelas))
Jane	porque cada () tem características né, próprias. no caso por exemplo da negligência

	acontece muito, mas ela não é notificada, normalmente o que é notificado é um abuso sexual, é uma violência física, então até essa questão da particularidade de cada caso, como você preencher uma notificação em cima dessas questões eu acho que cria.. um caso pra gente pensar.
	((incompreensível – falas paralelas))
Jane	porque a notificação é o profissional de (), então é aquele que teve aquele contato que percebeu a notificação, mas o ideal é que ela seja compartilhada, que ele discuta essa notificação com outros companheiros de equipe ou então com a chefia.
	((incompreensível – falas paralelas))
	eu não sei, eu to aqui lembrando.. será que eu mandei uma: ().
	((incompreensível – falas paralelas))
Júlia	é, talvez se alguém propositalmente não tenha assinado eh a orientação, não porque talvez tenha sido uma confusão porque se diz o seguinte, quem tá indicando quem tá não é a Júlia, é a direção que VOCÊ é o diretor, é a instituição, pra não comprometer ((fala paralela)) ((ritmo mais rápido)) mas tem que ter o teu nome, porque se amanhã alguém pede quem vai responder porque que cê não notificou se tem uma coisa judicial qualquer, jurídica, quem sai é o Cléber que é o diretor do hospital, o médico é quem examinou.
João Paulo	((sobreposição – incompreensível))
	tem pessoas envolvidas no atendimento.
	gostaria só de perguntar porque quando você diz que uma das idéias é trabalhar o documento então isso talvez prevaleça como uma:::
Mulher 1	como preencher
Júlia	é, lógico.
Mulher 2	como preencher
Mulher 3	eu to inscrita, olha só=
João Paulo	=((incompreensível – voz muito baixa))=
Rute	=não, isso deve ter sido lá fora, mas de qualquer forma uma das estratégias que a gente trouxe..
	((falas paralelas))
Mulher 3	o que a gente enfatizou muito no curso, o que é muito claro pra gente, porque é cultural, é histórico...
	o problema é dele, eu já fiz a minha parte, já encaminhei.
Mulher	não, to pensando aqui.. como essa cidade é cheia de violência, de coisas estranhas que acontecem nessa cidade das mais diversas ordens, as pessoas ficam muito assustadas e colocados no ((incompreensível – voz mais baixa))
João Paulo	essa foi a minha primeira pergunta, já passamos segurança pelo notificador?
Mulher	a gente.. eu acho que a Júlia falou muito bem, ela falou assim “vou dar uma parte meio...=
Júlia	=não, eu faço a minha fala pra você, depois eu continuo=
Mulher	=tá.. eu acho que tem esse medo pessoal mesmo de se comprometer, de “ah eu sou o pai da criança” que a gente fala que é o abusador, pode vir com uma quadrilha e me pegar na esquina, entendeu? vamos dizer assim, bem rasante. e eu acho que tem o medo de uma mudança de posição também, de que... medo de enfrentar isso porque nós (conhecemos) os nossos afetos ali.. (), mas que UM, um a gente tenta, pelo nosso amor, fazer um curso, eh:: panfletar, definindo uma posição que as pessoas têm pra essas coisas que nos incomodam muito, que (). só que tem um tempo que a gente tende a se acomodar no mesmo lugar né? essa é a tendência que todo neurótico há de convir né. eh:: e a outra coisa é esse medo de uma situação grave mesmo de violência.. social, que não é nem O caso em si, mas que todo mundo fica com medo DEssa violência, que todo mundo acredita que vive fechado, que todo mundo tem trancas na casa, porque todo mundo né, essa coisa.. é uma coisa que eu acho assim

	que a gente não dá conta, eu acho que é uma questão real, eh:: o que dá conta é de amenizar isso e dizer que tem um grupo todo respaldando isso né, o profissional, e eu acho que conter um pouco ameniza esse medo do cara não se comprometer, da pessoa lá, do médico, do enfermeiro etc., de acontecer essas coisas. mas acho que esses dois meses são importantes pra se pensar mesmo ().
Rute	é, (), mas aquilo que ela falou é melhor, (). agora, apesar de concordar plenamente com tudo que ela falou, eu acho que isso não é o ponto principal, é (), é muito mais a coisa da (formação). então é quando você pega uma criança com uma fratura de diálise ou pega um menino com umas marcas estranhas, porque, sem dúvida nenhuma, pela nossa formação, eu digo formação (), é muito mais imediatista você fazer diagnóstico de anemia, de (), do que você (). então eu acho.. eu acho não, eu penso. conscientemente, não tem nada inconsciente aí, que juntando tudo que a gente falou aqui eu continuo com a bandeira da formação e da conseqüente inadequação do atendimento em relação ao (), porque não é possível que durante um ano () nesse universo de milhares de crianças que são atendidas no lugar (). é claro que tá passando batido. agora não tá passando batido () da notificação, todas as estratégias de passar pela direção, não é a doutora júlia nem a doutora lia nem a doutora (), é passar pela instituição antônio silveira ((nome do hospital)), minimiza muito o erro, agora:=
	=()=
	=porque não tá sendo bem (). é uma coisa=
	=também acho que é por falta de identificação.
Júlia	agora cada vez mais ao mesmo tempo eu sou muito otimista, hoje eu cheguei tava a Maria Clara () eu não sei se é um mal não sei o que que é sustentando, olha você tá sustentando vai ser um pouquinho amanhã de repente não tá sustentando mais, não, cê tá seguindo o caminho do fluxograma, mas se você tiver sustentando, notifica e vai discutir o caso no GPS, uma coisa não.. notifica e explicando a ela o que é o contexto.. eu achei legal porque da () hoje não tem ninguém fazendo curso né, mas ao mesmo tempo a () sabe que cada vez porque a gente também é muito novo...
	[()]
Júlia	[o GPS é novo.] entendeu? a gente também tem que se faire rémarquer, como dizia a minha tia Lourdes, porque quer um pouco de energia lúdica (risos), mas é verdade, a gente tem que aparecer, quer dizer aparecer é isso=
	=tem que ter um tempo.
Júlia	exatamente. uma mudança mesmo de postura, gente, cultural. cultura você não muda em dois anos, é uma coisa que..
Rute	agora eu vou pedir desculpas a vocês, mas vou ter que interromper você, é que a gente vai ter que dar voz pra Selma porque se não ela não vai ter tempo de apresentar o caso.
	tchau, gente.
	boa viagem até o Caju.
	infelizmente eu vou ter que ir porque...
	depois a gente te conta o caso.
	tchau, sumida.
Selma	bom, esse caso:: ele assim já até foi feita a notificação, mas o problemas foram as conseqüências né, () e:: as construções também que o próprio estatuto né, ele criou e instituiu mas a gente enfrenta com o conselho tutelar e às vezes até nos meus trabalhos mesmo, hoje por exemplo o pediatra no relato de um outro caso que depois você vai ver aqui de uma notificação que eu também fiz pro conselho tutelar () (risos). então tudo isso também vamos colocar que também faz parte né, mas assim foi um caso complicado, foi encaminhado por mim pra Clarisse e primeiro foi colocado numa linha de abertura pra ela, ela avaliou e perguntou sobre () dando um espaço maior pra dar uma melhor realidade né.. no espaço que (). ele faz (), me liga, () é até bom porque ele faz lá tem () né, faz parte do antônio silveira e::: é uma

	criança que outros setores já tinham colocado como “ah, você tem que levar pro gps”, mas naquela quarta-feira justamente por tar fechando né, eu tive que ir no conselho porque o conselho não tinha telefone fixo.. e não estava querendo ligar pro conselho pelo menos pra saber qual o retorno da notificação que eu tinha feito. () e:: aí eu consegui ir lá..
	((comentários paralelos incompreensíveis))
Selma	e é um caso que assim a criança DA pediatria passou por vários () aí ela te::m.. vai fazer um ano né? ela nasceu e:m trinta e um de janeiro do ano passado, tem um ano e:: um ano e um mês.
Júlia	um ano e um mês.
Selma	e assim da pediatria ela passou pra enfermaria de pediatria, depois passou para o (), agora tá fazendo tratamento na dermatologia () e na pediatria, então é pra criança passar por horas de tortura né, enfim, mas como aconteceu? eu acho que é por tudo, pelo excesso de violência doméstica. eu acho legal o () porque o caso de violência infantil está diretamente ligado à violência doméstica. nesse caso, porque a violência doméstica, FEminina, em relação à mãe, ela já acontecia durante o convívio né, a relação conjugal Toda, e::=
	=do pai com a mãe.=
Selma	=é, do pai com a mãe. isso foi o que ela colocou primeiro pra gente, mas no nosso acompanhamento a gente avaliou que a violência contra a mãe tinha repercussão em relação à criança né, a gente pode intensificar que () mais forte aqui no gps, lá eles explicam que uma das negligências que a gente pode tar notificando é doença psicológica, que pode também tar relacionada à violência que eu falei, a violência contra a mulher. principalmente quando essa violência ela coloca a criança no meio, () não () por todas as unidades de tratamento de saúde, () que tavam passando, mas também os irmãos né.. essa família no caso do Fausto não (), o grande notificado foi o pai.. né, ele mora num cômodo só, dividido no mesmo quintal com a família, nessa outra casa mora a mãe e outros irmãos que trabalham são solteiros ainda, a avó=
Mulher	=mãe da mãe?
	((comentários paralelos incompreensíveis))
Selma	é, porque que eu to explicando isso? porque tem muito a ver com a violência. por que? porque se a família mora numa casa de dois cômodos, tem o banheiro e mais um cômodo, tudo bem, (), inclusive a mãe colocava que as crianças participavam de todo aquele clima de tensão, de espancamento, de tudo, e acabavam ficando irritadas né.. com aquilo tudo e participando daquilo. e assim nesse percurso todo que eu escutei () sempre vendo (), sempre tentando investigar e averiguar se a criança tem algum indício do problema de saúde dela que poderia tar relacionado com essa clima, a gente até colocou que sim porque a criança apresentava uma otite média de infecção, já tinha se internado umas cinco vezes, entrou na enfermaria de pediatria pra tomar um medicamento, ela já tinha tomado medicamentos mas a otite rescindiu novamente. tanto que dessa vez quando a gente viu foi identificada uma bactéria () e foi identificado que a () era por ausência de uma membrana no canal (), mas assim tem alguma coisa de (), mas ainda tá prosseguindo o () dela, mas que numa reunião que teve na enfermaria que eu participei que tavam responsáveis pelo caso, eles colocavam o seguinte, que não havia nenhum indício aparecendo de mau trato.. da mãe.. porque a mãe não quis, eles não poderiam tar dizendo isso, mas sim do (), mas eles não podiam dizer que tinha mas como a criança foi identificada uma baixa imunidade em relação a, pode estar muito relacionada com o clima de estresse de tudo que a criança passa, com certeza. e assim, foi notificado o caso pro conselho tutelar, houve uma confusão até mesmo (), porque eles informaram que era um, e houve essa demora por causa disso, falaram que era () depois foi identificado que não era, aí eu consegui realmente tar discutindo isso com o () umas três semanas atrás só que a notificação foi feita antes do natal, é:: eu fui lá no conselho tutelar eles não conseguiram achar essa notificação enfim..

Mulher	tinha tido () nenhuma?
Selma	sabe o que que é= =a chuva tinha ()=
Selma	=eu saí da fila, fiz uma solicitação= =((falas paralelas incompreensíveis, risos))=
Selma	=fiz uma solicitação de veículo pra poder ir lá, tinha que ir lá e tal, era em Belford Roxo, nunca tinha ido em Belford Roxo, aí falei que não sabia chegar lá, tava na Gávea, tinha chovido muito, e assim o conselho tutelar tava numa situação que eu acho pior que a casa que () (risos)
Selma	mas tudo bem. tava tendo briga lá dentro também?
João Paulo	se tava tendo briga ().
Selma	e aí o que acontece, eu fui lá, repassei tudo, mas é aquela coisa, o caso não imita (), porque quem () ela vai ser encaminhado porque nem chegar lá a gente.. não tem como.
João Paulo	mas se você for acompanhada não vai ter problema.
Selma	é, eu acho que é por isso que eu me preocupo de tar em cima.
Júlia	Selma:, desculpa interromper mas eu ((gravação interrompida))
Selma	isso não (), ah isso se for resolvido, não vai ser porque se as notificações fossem registradas quando chegaram lá e esses outros problemas estruturais fossem resolvidos, eu acho que Esse caso administrativo=
João Paulo	=esse caso que você fez da violência contra criança ()=
Selma	=a violência psicológica e () eu coloquei assim, eu identifiquei na notificação como uma violência psicológica e como negligência. por que? eu vou contar rapidinho pra fechar, porque é o ponto crucial. negligência por que? porque ele não tinha recurso, mas não justificava por que? porque ele fazia biscates como pedreiro e ela sempre reclamando que assim todas as questões que ela () toda uma demanda pra medicação enfim, isso poderia ser (), NO relato dela, na declaração dela, SE o pai comparecesse e participasse mais financeiramente e até afetivamente da família né. uma pessoa usuária de drogas tal, envolvida com () com certeza, eu entrei em contato com a delegacia e foi identificado passagem na polícia desse cara, é um cara () perigoso= =tem até o nome do João Paulo. (risos) ((comentários paralelos incompreensíveis, risos)) mas mesmo assim teve uma notificação. o que você foi fazer na delegacia?
Selma	ah tá, eu vou explicar. por que? porque ele é uma pessoa que além de álcoolis e drogas.. ele é uma pessoa que assim.. tem a declaração dela, que tem um comportamento violento, ele batia nela e criava aquele clima, e assim sempre havia uma ameaça de colocar fogo na casa, ele era ciumento, não há uma explicação de porque essa ameaça, porque ele batia, o que ela alega é que ele usava tudo, ele (). e aí o que que acontece, a gente fica, ele já tinha colocado fogo na casa quando foi a primeira vez que a gente começou a acompanhar tudo, o incêndio, mas não tinha nada porque as crianças não foram atingidas porque as crianças estavam na casa da mãe... e quando foi no dia vinte e pouco de janeiro, vinte e oito de janeiro, houve uma discussão com a Débora que é mãe da criança e ele VOLTou a colocar fogo na casa. então foram colocados no local, foram enviados dois policiais que levaram a mãe e a Débora, a mãe do Jefferson, pra delegacia né, e foi dado registro de ocorrência na DEAM, que é a delegacia especial de atendimento à mulher, só que assim por que que eu entrei em contato pra esclarecer melhor o caso, por quê? porque ela me apareceu, porque agora tá sendo assim quando tem ocorrência no mesmo dia já vai à delegacia e abre o inquérito policial, então eu fiz questão de isso tudo porque quando ela fez a ocorrência foi porque ela pediu afastamento= =((comentários paralelos incompreensíveis))

Rute	posso interromper um pouquinho? eu não to querendo ensinar o padre a rezar missa, você é assistente social e você sabe exatamente a sua função, está ME parecendo.. tá? que você.. como é que eu vou dizer, não é que você fez mais do que devia mas você:.. não seria sua função fazer tudo isso que você fez.
Júlia	até pra não ficar se expondo.
	é, eu nem to pensando nisso.
	mas até isso.
Rute	Até isso. porque por exemplo, quando você faz uma notificação o que que cê tá fazendo, basicamente.. você tá Deflagrando um processo para que você (), então isso tudo que você fez ALÉM da visita ao conselho tutelar, ao meu ver, é função do conselho.
Selma	mas eu fiz tudo isso porque mesmo querendo eu não consegui falar com o conselho tutelar, então eu não acho GRANde coisa, e ela chegou [no dia que ela chegou e disse que havia::]
	[mas você concorda comigo que não seria sua função?]
Selma	eu sei, mas eu entrei em contato porque ela chegou com dia marcado né, chegou com dia marcado, e assim.. e não havia.. a casa tava lá, ela tava na casa da mãe que estava mandando os bilhetes os recados ameaçando, eu também encarei como ameaça, não abro mão de que era uma ameaça, mas assim “eu quero ver minhas filhas senão três pontinhos”, umas coisas assim, e ela trouxe esses papéis pra mim. eu entrei em contato com a delegacia pra esclarecer melhor porque a quem.. qual a data do inquérito, saber direitinho..
Júlia	desculpa, eu sei que é chato interromper mas vou parar. você considera que mesmo ainda não tendo contato com você era sua função tar verificando na delegacia (), ou isso você instrumentalizaria a mãe pra que ELA fizesse isso?
	não, não, ela já tinha ido.. já tinha ido. Olha só, foi uma coisa pra mim, foi pra somar, não é pra ela não.
	mas olha só, Ela tava junto da mãe, aquela coisa, tava junto da mãe ()
	eu coloquei essas informações num formulário
	é muito difícil você identificar um (), saber até onde vai, eu to fazendo uma coisa pedagógica mesmo..
	eu to me sentindo culpada sabe por quê?
	()
Selma	não, não, deixa eu explicar. eu entrei em contato porque... quando a família me procurou ela estava na casa da mãe. o caso tinha acontecido e estava rondando o local. eu sei que existem abrigos e tal, mas na minha idéia ela tinha colocado no registro.. tinha declarado a questão da agressão física, ela não fez isso. ela não declarou naquele tipo de ocorrência que ela era vítima de violência física. houve apenas uma declaração da questão do Incêndio... tá? então as outras informações eram importantes também pra mim pra comunicar ao conselho, até mesmo pra ().. ou seja, ninguém pega essas informações, essas informações estão no segundo ()=
	= eu posso dizer, meu bem... você.. as coisas vão muito além.. () humana, solidária, tudo mais... mas o que você fez foi a investigação que CAbe ao conselho tutelar fazer=
	= não, mas ()
	não, é óbvio. não interprete como crítica, interprete como uma adequação que a gente tá querendo fazer ao caso, entendeu?
Selma	mas eu sei que...
	claro... não caberia a um serviço social=
Selma	= eu coloquei isso na minha ()
	isso.. isso. o que você fez foi () né.
	isso que ela tá apontando também permite investigar as causas, () não queriam do hospital na mesma proporção que a gente achava que poderia. Isso pode ser umas das

	causas, essa falta de::: essa abstinência, essa falta de resposta do conselho.
	((barulho – falas paralelas))
	não sei gente, porque a notificação quando eu cheguei lá no dia, o conselheiro não sabia, e eles sempre colocam a mesma justificativa.. toda vez que muda o conselheiro.. gente, eu acho que é culpa do conselheiro anterior né.
	fazer uma passagem...
	uma passagem dos dados do anterior. gente, foi o caso de eu enviar.. eu vou ter enviar, já enviei, a cópia da notificação que eu fiz novamente.
João Paulo	mas esse envolvimento todo o que que resultou pra criança?
	e aí nessa.. nessa=
João Paulo	= você acha que foi () a mãe.
Selma	() ((falas paralelas))
	não, a criança contou () e tá em casa agora.
João Paulo	mas a mãe tinha pedido o quê pra criança?
	() o afastamento do Jefferson. Nesse acompanhamento todo ninguém tinha=
João Paulo	= o afastamento do Jefferson o quê?
	Jefferson pai.
	o Jefferson pai. ((risos))
João Paulo	ah tá.. queria saber se tava falando do Junior ou o que.
	é o Junior.
	a grande questão é a seguinte, pediu afastamento do pai da criança. Durante todo o acompanhamento pelo menos o que que eu fiz, ela como adulta, só ela poderia dar parte, procurar os órgãos.. passei tudo pra ela, expliquei dos laudos da violência feminina. Agora com relação à criança, eu expliquei pra ela que se ela fosse (), como é a criança, que a gente deveria notificar ao conselho. Isso tudo aconteceu nesse (item) aí, onde o conselho tutelar não teve essa resposta toda. E o que que eu fiz, esclareci na delegacia sobre esse inquérito pra não dizer que eu não sabia o que era feito, e depois desse registro foi marcado uma audiência com o juiz onde vai ser decretado aFAStamento [do pai] ou não em relação à questão das crianças=
	[ou não]
	=vai ser REavaliar.
	no caso dela, o que ela quer é Afastar o pai.. porque ela vai se responsabilizar, ela quer se responsabilizar pelo () das crianças. e se ele realmente apresenta esse tipo de comportamento, talvez seja bom realmente pras crianças fiquem longe desse pai que representa tudo isso né. então no meu dia que eu fui no conselho tutelar colher TO:::das essas informações.. de to:::do esse acompanhamento, eu fui pra lá e solicitei que ela fizesse um acompanhamento também, tivesse uma ótica né, um olhar do conselheiro (), avaliasse as crianças, avaliasse também essa mãe, que a meu ver não apresenta nenhum indício de que também tem (), eu acho que a questão toda vem do (), que a mãe dela vem aqui e mostra e tudo... e pedi, possivelmente depois de uma avaliação aí pelo pessoal do conselho uma possível representação do conselho tutelar nessa questão da audiência porque o estatuto prevê isso.. né, e o conselho tutelar em alguns casos, o que ele pode representar em relação às crianças, por exemplo se você quiser avaliar realmente vai ser bom pras crianças.. pro tratamento, enfim, pro convívio familiar que o próprio conselho tutelar () toda criança tem esse direito de ter um convívio né, saudável, bom, pro pleno desenvolvimento da criança, ela pode também ser um órgão bom, zelando pelos direitos da criança, estar lá participando desse processo e representando em relação à família. o conselheiro falou que sim, que era correto.. né, ficou de avaliar o meu relato, e ficou de..=
	=acompanhar=
	=acompanhar a família..
Rute	((incompreensível – muito baixo)) (1.0) Eu só vou.. já que eu assumi hoje o papel de advogada do diabo, eu vou continuar nele até o final da reunião. você sabe que hoje, além de TUdo que você falou, só faltou você dizer também uma outra pessoa ().

	então hoje um dos grandes centros de violência doméstica.. aqui sinônimo de maus tratos, é:: inclui o agressor, enfim seja agressor ou agressora, que muitas vezes a mãe também é agressora né.. e o atendimento. e eu não ouvi em momento nenhum você falar sobre isso. por quê?... porque ainda nós não temos infra-estrutura, pelo menos na cidade do rio de janeiro, parece que só tem uma do governo ()=
	=((incompreensível – falas paralelas))
	não, eu não quero ()
Rute	só um instantinho, chéri. então.. faltou isso. porque o que a gente TENta, tenta de forma basTANte enfática, é não partir da culpabilização de ninguém, e tá MUIto evidente na sua fala, e não podia ser diferente, que você quer mais é que esse Jefferson pai vá pro quinto dos infernos lá.
	() a gente fica na suspeita então, eu não to=
Rute	=não, você pela sua fala eu achei que=
	=mas se você tá falando da suspeita, eu não to colocando nada pouco definitivo né, eu não to taxando nada, to pedindo uma avaliação pra ver isso... mas eu não quero taxar partir da (). eu to partindo DA declaração da Débora. a Débora tinha me dito ((incompreensível – falas paralelas))
	ela não colocou que ()
Júlia	mas a gente tem q assumir, por exemplo eu quero MAtar esse pai se ele estiver ali fora, entendeu?
	((risos e falas paralelas))
Júlia	mas o que eu to chamando atenção é que a gente também faça um exercício de imaginar que esse pai também é vítima de um sistema, de repente de um agressor, esse é o principal, talvez precisando de uma ajuda.. ao invés de afastar esse pai, que possa trabalhar esse pai DENtro dessa família.. porque=
	=()
	às vezes tá precisando de ajuda né?
Júlia	Exatamente.
	nessa situação eu acho que não justifica, não ter trabalho, enfim, essas coisas eu acho que não justifica... no momento ali pontual, não. Agora uma coisa que realmente eu esqueci de pedir.. eu queria convocar esse PAI né, da criança, esse Jefferson (Elson)..
	((risos)) você ia dizer outra pessoa né.
	Mas assim... ()
	presumível mas é né.
	((muitas falas paralelas))
	Presumível mas é, gente.
	((muitas falas paralelas)) agora vai ter que andar logo porque 'tamos meio sem tempo.
Rute	não deixaram eu concluir. deixa só eu concluir um instantinho... ((falas paralelas)) pode? ((silêncio)) aquela palinha. então a gente tenta não culpabilizar.. porque isso.. é ruim né, embora todos os serviços nesse caso levem realmente que esse homem seja o pivô dessa grande tragédia familiar né.. incêndios e agressões físicas.. e outras () psicológicas, físicas e tudo mais. Agora assim, fechando a minha palinha, é::: o estatuto TAMBém é muito claro quando ele diz que a prioridade pra criança é () essa (atividade) comunitária. Então se a gente vislumbrar uma possibilidade mesmo que remota de que esse homem possa ter um tipo de atendimento psiquiátrico, social, etc., e que fique em casa SOB supervisão para que ele não encha de pancada se está sendo gravado ()
	((risos))
Rute	faz parte do processo. isso quer dizer então.. então é isso, meu bem.. só lembrar você, sem nenhum maternalismo de minha parte, que é::: é preciso tomar cuidado com isso né, você tá iniciando um caminho árido.. de convivência, essas coisas que são terríveis, mas a gente tem que se lembrar que toda moeda tem duas faces.
	é, mas note bem que::=

Rute	=não se defenda, não to atacando.
	não, não to defendendo não, to colocando, a gente tá discutindo o caso, não tem nada a ver com isso. mas assim quando a mãe veio ela instaurou um inquérito que tá acontecendo. então vai haver uma decisão judicial sobre o afastamento ou não. então isso não foi uma coisa, enfim. por isso eu achei importante, por isso mesmo não tive notificação da suspeita, então eu não estou taxando né, e pedi ao conselho tutelar que POSSA fazer isso que tá fazendo.. AVAliar e participar nesse processo que já existe (). então é bom o conselho tutelar tar participando disso porque ele pode avaliar isso, a gente está querendo [uma solução].
Rute	[querendo uma solução pra isso], e é uma pena que não tenha muitas demandas aí pelo Brasil a fora ficar grudada no conselho tutelar, fazendo ele acontecer.
	justamente, eu acho que várias () juntas... entendeu, esse tipo de pressão é que é capaz de mudar=
	=de qualificar o conselho.
	de qualificar o conselho... entendeu? porque eles precisam também de uma retroalimentação. () o conselho, elisângela foi conselheira aqui da zona sul, gente, tava num oásis, aqui no antônio silveira, entendeu?= =é o paraíso= =a gente tá num paraíso. eu to falando de baixada... vai pra belford roxo. das dimensões de baixada... belford roxo... ((falas paralelas)) você falou que o outro conselho era melhor ()? sim, mas as pessoas que tão trabalhando nesses lugares.. elas precisam de.. algum agrado, [()]
João Paulo	[um retorno positivo, levou a criança pra casa, ela tá ótima], levou (otite), obrigado.
	lô::gico, entendeu? e pra ex-funcionários.
	eu acho que não é só questão de otite não. a agressão física materna com o pai é um ()= ((falas paralelas))
João Paulo	=o retorno do resultado () já é alguma coisa= =eu queria parar por aqui. vamos ficar esperando a notificação, porque eu acho que é uma notificação perfeita.

ANEXO II

Cronogramas de atividades do grupo de pesquisa (GNIT) – 2006.2 e 2007.1

G-NIT - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2006.2

ATIVIDADES – 6^{as}. feiras – 14h –	CALENDÁRIO
AGOSTO 11 – Informes – Liliana Apresentação de trabalho PIBIC/ Discussão – Juliana 25 – Leitura de texto/Discussão:	AGOSTO 4 11 18 22 a 25/08 PIBIC
SETEMBRO 01 – Discussão de trabalhos para o Simpósio...Identidade: Sonia, Willian, Clarissa... 07. 08, 09 – Simpósio Discurso, Sociedade e Identidade 22 – Avaliação do Simpósio Leitura de texto/Discussão:	SETEMBRO 01 07. 08, 09 – Simpósio Disc. Soc. e Ident. 15 22 29
OUTUBRO 06 – Apresentação de trabalho/ Discussão: 20 – Leitura de texto/ Discussão:	OUTUBRO 06 13 20 27
NOVEMBRO 03 – Apresentação de trabalho/ Discussão: 17 – Leitura de texto/Discussão:	NOVEMBRO 03 10 17 24
DEZEMBRO 01 – Apresentação de trabalho/ Discussão:	DEZEMBRO 01

RECESSOS PREVISTOS:

07 a 09/09/2006 – Independência do Brasil; Simpósio Discurso, Sociedade e Identidade

12 e 13/10/2006 – N. S. da Aparecida

02 e 03/11/2006 – Finados

15/11/2006 – Proclamação da República

G-NIT – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2007.1

Março

23 - reunião G-NIT

30 - defesa William

Abril

6 - semana santa

3 - defesa Sabine (orientanda da Inés, também inclui análise de narrativa)

13 - X

20 - defesa Isabel (orientanda da Inés, também inclui análise de narrativa)

27 - reunião G-NIT - texto Marcia

Maio

4 - reunião G-NIT - texto Sônia

18 - reunião G-NIT - texto William

Junho

1 - reunião G-NIT - texto Ana Tereza

8 - Corpus Christi

12 - defesa Tetê (Maria Tereza L. Dantas)

15 - reunião G-NIT - texto Daniela

ANEXO III

Texto encaminhado para publicação na Revista da ABRALIN

NARRATIVA E IDENTIDADE DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM REUNIÕES DE TRABALHO*

**Juliana Ribeiro Lima (PUC-Rio)
Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio)**

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar como duas médicas, participantes de um grupo interdisciplinar de profissionais de saúde de um hospital público do Rio de Janeiro, constroem suas identidades profissionais, considerando as narrativas produzidas por elas em reuniões de trabalho. As reuniões em análise foram gravadas e transcritas no quadro de uma pesquisa mais ampla, de cunho etnográfico.

A partir de uma perspectiva sócio-interacional, são analisadas uma narrativa curta e dois fragmentos de uma narrativa maior, narradas, respectivamente, por Rute e Júlia. As duas participantes apresentam como ponto em comum a preocupação com seu trabalho e com os sentimentos do outro. Suas narrativas indiciam sofrimento em relação a questões do trabalho e aos casos tratados e remetem à importância de compartilhar decisões com o grupo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade profissional; narrativa; reuniões de trabalho; contexto da saúde; Sociolinguística Interacional; análise do discurso

ABSTRACT:

The article presents how two doctors, who participate in a group of health professionals of a public hospital in Rio de Janeiro, construct their identities in professional meetings. The data consist of a small narrative and two fragments of a larger one, both produced during the group meetings. In this study, we apply Interactional Sociolinguistics as our theoretical basis. The data were recorded and transcribed according to the ethnographic research methodology.

Both participants show intense involvement with their job and worry about the suffering of others. They manifest feelings through their narratives, showing their capacity of reflection and criticism in relation to their own actions as professionals. Moreover, the doctors emphasize the importance of sharing experiences and decisions with the group members.

KEY-WORDS: professional identity; narrative; professional meetings; health context; Interactional Sociolinguistics; discourse analysis

1. Introdução

Neste estudo, focalizamos alguns aspectos da construção de identidade de profissionais de saúde, com base na análise de narrativas produzidas em reuniões de trabalho

* Agradecemos ao CNPq pelas bolsas de Iniciação Científica – PUC-Rio, de Juliana Ribeiro Lima, e de Produtividade em Pesquisa, de Liliana Cabral Bastos, que tornaram possível o desenvolvimento da pesquisa aqui relatada.

de um grupo multiprofissional, aqui chamado por nós de GPS. O referido grupo, que se reúne quinzenalmente em um hospital público do Rio de Janeiro, se propõe a oferecer apoio a profissionais que lidam com crianças e adolescentes vítimas de violência, auxiliando a tomada de decisões sobre procedimentos burocráticos e terapêuticos. Procuramos descrever as características da fala narrativa produzida nesse contexto, ao mesmo tempo que observamos como se faz no grupo o compartilhamento da experiência do sofrimento (cf. Boltansky, 1993), própria da atividade do profissional de saúde, assim como são sinalizadas dúvidas, inseguranças e medos suscitados por tal experiência.

As reuniões em análise foram gravadas e transcritas no quadro de uma pesquisa mais ampla, de cunho etnográfico, em que uma das autoras freqüentou, como pesquisadora, as atividades do grupo por cerca de um ano. A análise dos dados se faz de acordo com uma perspectiva sócio-interacional do discurso (Gumperz, 1982; Schiffrin, 1994), que considera os processos locais de construção de sentido em interface com estruturas sociais, culturais e históricas.

Identidade está sendo compreendida tanto como um processo de expor e interpretar afiliações a categorias sociais mais amplas (como nacionalidade, etnia, gênero, classe social, religião, profissão etc.), quanto como a função desempenhada na hierarquia de uma interação específica (freqüentemente referida pela noção de papel). Além disso, estamos também incluindo na noção de identidade afetos e atributos que indivíduos introduzem (em relação a eles mesmos e aos outros) no curso das interações sociais (cf. Bastos, 2005). Trata-se, assim, de um construto teórico complexo, de múltiplas dimensões, que podem inclusive entrar em conflito umas com as outras (cf. Mishler, 1999). As narrativas são compreendidas como performances de identidade, nas quais diferentes dimensões do eu são introduzidas (Mishler, 1999; Linde, 1993; Bastos, 2005).

Nossa análise focaliza a fala profissional/social de duas médicas participantes do grupo: Rute e Júlia. Ambas são médicas pediatras; Rute é também a coordenadora do grupo, enquanto Júlia é especialista em adolescentes.

Sendo a construção de identidades uma ação situada, pretendemos analisar como cada evento narrativo faz com que se manifestem diferentes dimensões da identidade das narradoras, suas expressões de afeto e de pertencimento ao grupo, o que nos permite compreender como as duas médicas vêm a si mesmas e o meio no qual atuam.

2. Aspectos Teóricos e Metodológicos

Nosso trabalho tem como base teórica a Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Goffman, 2002), que compreende como os sentidos são localmente construídos durante as interações sociais. De acordo com Gumperz (1982), “para se entender questões de identidade e de como elas afetam e são afetadas pelas divisões sociais, políticas e étnicas, é necessário compreendê-las dentro do processo comunicativo no qual elas emergem”. Nesse sentido, identidade é aqui compreendida “tanto como as afiliações dos indivíduos a categorias sociais mais amplas (como nacionalidade, etnia, gênero, classe social, religião etc), quanto como a função desempenhada na hierarquia de uma interação específica (freqüentemente referida pela noção de papel)” (Bastos, 2003:33). Incluímos, também, “na noção de identidade, afetos e atributos que indivíduos introduzem (em relação a eles mesmos e aos outros) no curso das interações sociais.” (idem, *ibidem*)

Entende-se, assim, que as identidades sociais são dinâmicas e construídas nas interações. Dessa forma, analisamos narrativas tentando compreender de que modo cada participante vê a situação conversacional em que está participando e constrói sua identidade social discursivamente, se posicionando diante do que é contado.

O interesse pelo estudo de narrativas se deve também ao fato de que, através delas, mostramos quem somos e negociamos nossa identidade de modo a justificar nossos atos e papéis sociais. Mishler (1986) sugere que “sobre o que quer que seja a estória, ela é também uma forma de auto-apresentação, ou seja, uma específica identidade pessoal e social está sendo sustentada”. Acrescenta-se, ainda, que as narrativas são também um modo de compreender as relações sociais. Segundo Bastos (2005), “nessa atividade de narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca”.

Segundo Labov (1972), em seu trabalho pioneiro na Sociolinguística, narrativa é um método de recapitular experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações com uma seqüência de eventos. Considerando a construção formal da narrativa, Labov e Waletzky (apud Hanke, 2003) nos apresentam os elementos estruturais que compõem uma narrativa completa: o prefácio (ou *abstract*), “que resume a narrativa e indica seu conteúdo, a orientação, que dá referências do local, hora, da cena e das pessoas envolvidas”, as orações narrativas, que representam o desenvolvimento da estória, e a avaliação, “que está ligada ao foco central” e que “deixa de ser um gesto isolado, feito em um instante exato e único da narrativa, para estar presente de forma contínua e diversificada no desenrolar da narrativa”. Para Labov, a avaliação é composta de “informações sobre a carga de dramaticidade ou do clima emocional da narrativa – recursos para indicar o ponto, ou seja, o sentido que o narrador pretende construir para o seu relato, conferindo à narrativa reportabilidade” (cf. Bruno, 2006).

Em adição à perspectiva de Labov, Georgakopoulou (2003) nos apresenta dois tipos de práticas narrativas: narrativas de eventos passados e narrativas de eventos projetados para um futuro próximo. Como veremos a seguir, estes dois tipos podem ser facilmente combinados durante as práticas discursivas. Os falantes tendem a contar estórias de eventos passados, expressando suas conclusões e avaliações e projetando futuros acontecimentos.

No presente estudo, observamos narrativas produzidas em reuniões de trabalho. Acreditamos que, com esse tipo de análise, podemos contribuir para a compreensão de como as identidades pessoais e profissionais são construídas. Durante as reuniões de trabalho, “os indivíduos modelam suas narrativas e identidades em resposta aos comentários dos outros” (Hsieh, 2004). Pela análise de reuniões desse tipo, também se torna mais fácil identificar como se manifestam as relações de poder e os papéis sociais, além do contexto institucional no qual as interações ocorrem (Bargiela-Chiappini, 1996).

Para a coleta e análise dos dados utilizados neste trabalho, empregamos uma metodologia que integra a observação etnográfica a práticas da análise da conversa etnometodológica, utilizando gravações em áudio, transcrições e notas de campo. A narrativa e os fragmentos da narrativa mais ampla que serão analisados emergem em duas reuniões do grupo GPS. A primeira reunião teve como tópico central a confecção de um fluxograma para a melhoria do trabalho do grupo dentro da instituição. Notamos que, nesta reunião, há um amplo momento introdutório (pré-reunião) no qual os participantes tratam de assuntos variados. Já a segunda reunião em estudo tratou da apresentação e discussão de um caso de violência.

3. Análise

Analisaremos, a seguir, uma narrativa curta e dois fragmentos de uma narrativa maior, narradas, respectivamente, por Rute e Júlia.

O sofrimento e o trabalho

A primeira narrativa que analisaremos foi produzida por Rute durante a pré-reunião do encontro que tratou do desenvolvimento de um fluxograma para otimizar o trabalho do grupo dentro do hospital.

Por ser a coordenadora do grupo, Rute carrega consigo a responsabilidade de liderar as reuniões do GPS e introduzir os tópicos. Na pré-reunião, quando os participantes conversavam sobre assuntos que não necessariamente se relacionavam aos tópicos da agenda do dia, Rute introduz a seguinte fala:

Segmento 1

/.../

Rute: °[é:::::]↑ não é menino demais da conta, nossa (0.8) hoje foi brabo. tava dizendo pra Lili que as duas famílias que tiveram ontem aqui me- (.) eu sei que hoje de noite eu vou pensar eu tenho horror quando eu vou pra cama () /.../

Como veremos a seguir, essa fala será analisada como uma narrativa, embora não se trate de uma narrativa canônica.

Já mencionamos que, para Labov (1972), a narrativa deve possuir pelo menos duas orações narrativas em seqüência temporal em sua ação complicadora, referindo-se necessariamente a um fato passado. Além disso, deve possuir um ponto e ser contável (cf. Bastos, 2005). Analisamos a fala de Rute como uma narrativa, pois possui duas orações narrativas em seqüência temporal na ação complicadora; no entanto, estas orações não se referem somente a fatos passados.

Para compreendermos a organização da narrativa, se torna necessário observarmos a seqüência temporal escolhida pela narradora para mencionar os acontecimentos narrados. Além disso, um importante ponto que podemos observar, nessa narrativa, é a presença da avaliação. Há, portanto, um interessante jogo de tempos verbais e avaliações, como nos mostra o quadro abaixo.

AVALIAÇÃO INICIAL <i>Abstract</i> /prefácio	“hoje foi brabo”	Passado
Oração Narrativa 1	“tava dizendo pra Lili”	Passado mais remoto
	“as duas família que tiveram ontem aqui me-”	Passado mais remoto
Oração Narrativa 2	“eu sei que”	Presente
	“hoje de noite eu vou pensar”	Hipótese sobre o futuro
AVALIAÇÃO FINAL Coda	“eu tenho horror quando eu vou pra cama”	Presente habitual

Vemos que a narradora apresenta uma avaliação inicial no passado (“hoje foi brabo”) e depois, usando um passado mais remoto, se remete a um acontecimento (“as duas família que tiveram ontem aqui me-”). Em seguida, apresenta uma hipótese sobre o futuro (“hoje de noite eu vou pensar”) e, finalmente, no presente habitual, se remete a um fato recorrente em sua vida e conclui a narrativa com uma outra avaliação (“eu tenho horror quando eu vou pra cama”).

A narrativa que estamos analisando, mesmo sendo curta, possui um ponto, um motivo pelo qual ela é contada. A narradora apresenta seu sofrimento com o trabalho, mostra como o trabalho pode influenciar sua vida fora do ambiente hospitalar. Além de possuir um ponto, a narrativa pode ser considerada contável porque se refere a um fato relevante. As duas famílias que estiveram no hospital emocionaram Rute, trouxeram à tona sentimentos, que ela quis demonstrar em sua narrativa e que tornaram a experiência relevante.

Nessa narrativa, observamos que, com a enunciação de “hoje foi brabo”, Rute traz o ponto da narrativa e mostra que ela é contável. Ela inicia sua narrativa trazendo sua avaliação acerca de uma situação de angústia em seu trabalho, o que indicia a intenção da narradora ao contar a estória. A narradora também evidencia que a narrativa é contável pelo uso do advérbio “hoje”, o que remete ao entendimento de que o fato não acontece todos os dias, é recente e, portanto, é um evento reportável.

Vemos também que o passado mais distante é utilizado pela narradora para remeter-se à experiência passada (“as duas famílias que tiveram ontem aqui me-”). O futuro constrói a hipótese de experiência futura (“hoje de noite eu vou pensar”). Já o presente habitual mostra um fato que costuma se repetir e expressa o sofrimento da narradora com o caso ao qual está se referindo (“eu tenho horror quando eu vou pra cama”). Dessa forma, ela finaliza a narrativa, construindo, em sua fala, sua preocupação e emoção diante do evento.

Por meio dessa fala, Rute mostra como uma experiência em seu ambiente de trabalho impacta sua vida pessoal. Com a escolha do léxico (“horror”) para remeter-se a um evento futuro (“hoje de noite”), ela antecipa as conseqüências do sofrimento vivido no trabalho.

Vemos, assim, que, na breve narrativa de Rute, a junção temporal não se faz da maneira canônica, envolvendo a seqüência de duas ações no passado, mas sim a seqüência passado/presente/futuro/presente. É através dela que Rute se posiciona como uma profissional dedicada ao trabalho, que se preocupa com o que faz e com os sentimentos do outro.

Passaremos, agora, à análise de dois fragmentos de uma narrativa produzida por outra participante do grupo, Júlia, em uma reunião do GPS destinada à discussão de casos.

Trabalho, sofrimento e responsabilidade social

Nos próximos dois segmentos que analisaremos, Júlia narra acontecimentos referentes ao caso de um menino que usava drogas e via no futebol um possível meio de sobrevivência e ascensão social e que acabou sendo morto enquanto tentava cometer um assalto. Embora estivessem em contato com o menino e sua família, Júlia e a assistente social responsável pelo atendimento não notificaram o caso ao Conselho Tutelar, órgão responsável por orientar e garantir os direitos das crianças e adolescentes. A não-notificação fez com que o caso fosse trazido para discussão no grupo.

O segmento 2 se constitui como um momento de exposição de posicionamento dentro de uma narrativa mais ampla, que se desenrola durante toda a reunião.

Segmento 2

/.../

Júlia: E o que aí eu tinha conversado com a Selma, a gente conversou ↓>pra entender o porquê dessa ()<, né, mas ↑era da gente refletir... assim... de que a gente não consegue, >o setor saúde tem assim algumas coisas que às vezes a gente fica tentando dar conta e que na minha avaliação, a gente NÃO DÁ.< Quer dizer , a gente não... é... ALIANÇA... >é porque o conselho tutelar porque ele ainda é muito, a gente tem poucas ↓respostas no retorno do conselho tutelar AINDA é muito incIPIENTE, porque tá começando, é criança, eu diria que é... uma criança ainda, né, eu tenho muito pouco tempo.< Aí a gente fica com dificuldade de mandar >mas a gente tem que dividir responsabilidade.< ↑Eu não sei se o conselho () desse menino mas o ↑conselho TÁ ALI junto com a gente tomando uma providência... e que a gente não tá perto da casa dele , a gente não se dá conta... então, ↑>era assim, pra gente tá aqui ... trazendo esse caso assim, meio emblemático, né<, que até a, a própria Selma ↓que no início, ↑>depois a gente reavaliando, provavelmente ninguém iria evitar a morte do Diego.< Mas é pra gente tá DIVIDINDO... porque de alguma forma a gente assim, estamos sozinhas nessa responsabilidade, né?↓ >Porque a gente não dividiu com vocês.< E que seria o órgão melhor↓ pra tá dividindo isso. /.../

Podemos observar que, nesse segmento, há uma introdução do que será relatado (“E o que aí eu tinha conversado com a Selma, a gente conversou”) e uma seqüência de enunciados fragmentados, com interrupções, pausas e repetições. É importante observarmos também que há avaliações inseridas entre essas orações: “o setor saúde tem assim algumas coisas que às vezes a gente fica tentando dar conta e que na minha avaliação, a gente NÃO DÁ”. Esse trecho de avaliação externa, ou seja, explícita, aponta a importância que Júlia dá à necessidade de compartilhar experiências com seus colegas, principalmente em casos mais complexos e/ou ameaçadores para o próprio paciente. O fluxo do relato nos dá indícios de hesitações e da carga emocional presente em sua fala.

O modo como a participante narra a estória sinaliza que ela carrega consigo uma porção de sofrimento pelo trágico fim que teve o menino: “provavelmente ninguém iria evitar a morte do Diego.< Mas é pra gente tá DIVIDINDO... porque de alguma forma a gente assim, estamos sozinhas nessa responsabilidade, né?↓ >Porque a gente não dividiu com vocês”. O fluxo de sua fala, com idas e vindas na forma como se posiciona por ter deixado de notificar o caso de Diego ao Conselho Tutelar, dá pistas de que Júlia se sente em dúvida sobre o que poderia ter feito em relação a esse caso e, dessa forma, indicia a presença de emoção ao longo do relato. Durante a narrativa, que, como já dito, ocorre em um momento de exposição do caso para discussão posterior, ela parece tentar justificar suas ações e assume que deveria ter discutido o caso com o grupo anteriormente (“porque de alguma forma a gente assim, estamos sozinhas nessa responsabilidade, né?↓ >Porque a gente não dividiu com vocês.< E que seria o órgão melhor↓ pra tá dividindo isso”).

Nesse sentido, Júlia constrói sua imagem como uma profissional preocupada com seu trabalho, com o papel que desempenha dentro do contexto hospitalar e com o grau de influência que tem sobre a vida das pessoas que atende. O modo como a narradora se remete ao desfecho do caso sinaliza um sentimento de insegurança, que é demonstrado em sua fala por meio de hesitações e interrupções.

A importância do grupo na tomada de decisões

Vimos que, ao narrar momentos de insegurança e sofrimento, Rute e Júlia compartilham responsabilidades e sentimentos com o grupo. No terceiro segmento selecionado para análise, podemos observar que a identidade profissional do grupo é mais diretamente presente na fala da narradora. Júlia enfatiza a necessidade de se formular decisões

conjuntamente, o que nos permite ver que o ato de narrar, nesse caso, funciona como um meio de conexão do grupo, no sentido de que as experiências são compartilhadas entre os participantes.

Segmento 3

/.../

Júlia: /.../ >aí até falou, e a gente aqui ponderou< ↓>legal, a gente trabalha em equipe e tem muito essa função, antes que ela tinha sido muito DURA, ↓no sentido de que não dou, não dou, como é que a gente pode fazer porque assim a gente acaba que ele não teria um retorno< /.../

Nesse fragmento, Júlia fala sobre a importância do grupo na tomada de decisões utilizando construções frasais com a presença do sujeito no plural: “a gente aqui ponderou”, “a gente trabalha”, “a gente pode fazer”, “a gente acaba”. Por outro lado, seu posicionamento indicia um sentimento de insegurança. Por meio de uma indagação introspectiva: “como é que a gente pode fazer”, Júlia dá sinais de que não está certa de sua atitude diante do caso e do que poderia ter sido feito para modificar o destino do menino. Vemos, portanto, que a participante demonstra capacidade de reflexão e de crítica em relação ao seu próprio comportamento e às decisões tomadas.

4. Conclusões

Com os segmentos analisados, entendemos que é comum ao grupo tratar do sofrimento e de situações de angústia, o que certamente desperta envolvimento entre os falantes. As duas participantes cujas falas foram observadas apresentam como ponto em comum a preocupação com seu trabalho e com os sentimentos do outro.

Em resumo, em nosso trabalho, vimos que algumas dimensões das identidades sociais das participantes do grupo são construídas durante suas narrativas, mostrando diferentes aspectos de sua identidade. Desse modo, percebemos que as profissionais constroem discursivamente suas identidades como pessoas altamente envolvidas com o seu trabalho, que carregam consigo preocupações com o sofrimento do outro e sinalizam capacidade de reflexão e crítica em relação ao seu próprio comportamento enquanto profissionais.

Rute fala de seu sofrimento e Júlia de suas inseguranças. Além disso, Júlia afirma a importância da participação do grupo na tomada de decisões.

Vemos que o valor que Júlia atribui ao grupo e a preocupação de Rute com o trabalho são indícios relevantes para compreendermos as transformações na identidade profissional do médico na contemporaneidade, que, cada vez mais, atua como participante em grupos multiprofissionais de trabalho, e menos como agente único das tomadas de decisão na área da saúde.

5. Referências bibliográficas

BARGIELA-CHIAPPINI, F.; HARRIS, S. J. Interruptive strategies in British and Italian management meetings. *Text*, v.16, n.3, p. 269-297, 1996.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, v.3, n.2, maio/agosto, 2005, UNISINOS, ISSN 1679-8740, p.74-87.

BOLTANSKY, Luc. *Distant suffering*. Morality, Media and Politics. Cambridge, Cambridge University Press. [1993]1998

BRUNO, Daniela Caldeira. Aspectos sobre identidade e narrativas de estórias pessoais durante treinamento militar para a guerra na selva. In II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2006.

GEORGAKOPOULOU, A. Looking back when looking ahead – On adolescents’ identity management in narrative practices. In ANDROUTSOPOULOS, J. K.; GEORGAKOPOULOU, A. (orgs.) **Discourse Constructions of Youth Identities**. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 75-91.

GOFFMAN, E. “The frame analysis of talk”. In Goffman, E. **Frame Analysis**. New York, Harper and Row, 1974.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. **Contracampo**, Rio de Janeiro, V.7, P.117-126, 2003.

HSIEH, E. Stories in Action and the Dialogic Management of Identities: Storytelling in Transplant Support Group Meetings. **Research on Language and Social Interaction**, v.37, n.1, p.39-70, 2004.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1972.

LINDE, Charlotte. *Life Stories, the creation of coherence*. New York, Oxford University Press, 1993.

MISHLER, E. The Analysis of Interview-Narratives. In SARBIN, T. (org.) **Narrative Psychology**. The storied nature of human conduct. New York, Praeger, 1986. p. 233-255.

MISHLER, Elliot. *Storylines*. Craftartists’ narratives of identity. Cambridge, Harvard University Press, 1999.

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to Discourse*. Cambridge, Blackwell, 1994.

Convenções de Transcrição (ANEXO)

..	Pausa observada ou quebra no ritmo da fala, com menos de meio segundo
...	Pausa de meio segundo
....	Pausa de um segundo
.	Descida leve, sinalizando final do enunciado
?	Subida leve, sinalizando uma interrogação
,	Descida leve, sinalizando que mais fala virá
:	Alongamento da vogal

:: ou :::	Duração mais longa do alongamento da vogal
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento forte
()	Dúvidas, suposições, anotações, observações sobre o comportamento não verbal (riso, tosse, atitude, expressão facial, gestos, ruídos), dentre outros
Eh, ah, oh, ih, hum, ahã, humhum	Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
/.../	Indicação de transcrição parcial ou de eliminação
[[Colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos)
[Colchetes simples marcando o ponto de sobreposição de vozes (quando a sobreposição se dá apenas em um determinado ponto, com apenas um dos falantes dando continuidade à fala)
[]	Colchete abrindo e fechando o ponto da sobreposição, com marcação nos segmentos sobrepostos – sobreposições localizadas

Crítérios de convenção de transcrição estabelecidos a partir de Atkinson & Heritage (1984), Tannen (1989) e Ribeiro (1991).

ANEXO IV

Resumo enviado para publicação nos Anais do XV Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio (2007)

NARRATIVA E IDENTIDADES PROFISSIONAIS NA ÁREA DA SAÚDE: O FUNCIONAMENTO DE NARRATIVAS CURTAS EM REUNIÕES DE TRABALHO

Aluna: Juliana Ribeiro Lima
Orientadora: Liliana Cabral Bastos

Introdução

O presente estudo integra uma pesquisa mais ampla, na qual são examinadas reuniões de um grupo multiprofissional de um hospital público do Rio de Janeiro. O referido grupo dá apoio a profissionais de saúde que lidam com crianças e adolescentes vítimas de violência. A partir da análise de narrativas que emergem durante as reuniões, procuramos perceber como os profissionais constroem discursivamente suas identidades. Dentre as narrativas produzidas, identificamos a presença de narrativas breves, que, em geral, remetem a um episódio das experiências passadas dos narradores. Trataremos aqui dessas narrativas, as quais chamaremos de narrativas curtas, procurando observar a forma como os participantes as organizam e como funcionam na dinâmica interacional das reuniões.

Objetivos

Identificar narrativas curtas produzidas nas reuniões, analisar sua estrutura, organização e funcionamento em interface com diferentes dimensões das identidades profissionais dos participantes do grupo.

Perspectivas teóricas e metodológicas

De acordo com Gumperz [3], “para se entender questões de identidade e de como elas afetam e são afetadas pelas divisões sociais, políticas e étnicas, é necessário compreendê-las dentro do processo comunicativo no qual elas emergem”. Dessa forma, buscamos entender, em nossa pesquisa, como os sentidos são localmente construídos pelas narrativas curtas analisadas, considerando que narrativas produzidas em reuniões de trabalho possibilitam a compreensão de como as identidades profissionais estão sendo construídas. Pela análise de reuniões de trabalho, se torna mais fácil identificar como se manifestam as relações de poder e os papéis sociais, além do contexto institucional no qual as interações ocorrem [1].

Ao tratar de narrativas, Mishler [5] sugere que “sobre o que quer que seja a história, ela é também uma forma de auto-apresentação, ou seja, uma específica identidade pessoal e social está sendo sustentada”. Bastos [2] afirma que as narrativas são também um modo de compreender as relações sociais. Ela diz que “nessa atividade de narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca”.

Segundo Labov [4], em seu trabalho pioneiro, narrativa é um método de recapitular experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações com uma seqüência de

eventos. Em nosso trabalho, analisamos como se estruturam as narrativas curtas que tratam de episódios no passado, comparando-as ao modelo tradicional estabelecido por Labov. Vemos que as narrativas episódicas se contrastam com relatos de trajetórias de vida, já que há a seleção de um evento específico a ser narrado e o ponto da narrativa é mais claramente estabelecido

As reuniões em análise foram gravadas em áudio e transcritas com base em uma orientação metodológica qualitativa que integra a perspectiva etnográfica, que parte da observação do contexto cultural da interação, a uma perspectiva da análise da conversa etnometodológica, que registra, em detalhe, os traços da fala para a análise.

Análise

Na presente pesquisa, foram analisadas narrativas curtas que ocorreram em quatro reuniões de trabalho do acima referido grupo de profissionais de saúde. Observamos que há tanto narrativas curtas estruturadas de uma forma mais canônica, apresentando os elementos do modelo clássico laboviano, quanto narrativas superbreves, que apenas referenciam experiências passadas. Em termos das funções que exercem na interação, temos tanto narrativas que funcionam como argumentos, em falas persuasivas, quanto narrativas que funcionam na criação de envolvimento emocional entre os participantes. Observamos, ainda, como, ao mesmo tempo que integram tais dinâmicas interacionais, as narrativas curtas funcionam como um meio de conexão do grupo, mostrando como os profissionais cooperam uns com os outros no desenvolvimento do trabalho, expressando sua capacidade de reflexão em relação à sua própria função enquanto profissionais da saúde. Dessa forma, pudemos observar quais dimensões das identidades dos participantes emergem em seu discurso, considerando a seleção de eventos a serem narrados e o modo como são narrados.

Conclusões

Consideramos que nosso trabalho pode contribuir para a pesquisa em narrativa, pois são ainda muito poucos os estudos sobre narrativas curtas no cenário brasileiro. No contexto de reuniões de trabalho no ambiente hospitalar, percebemos que, contando narrativas curtas, os profissionais manifestam como o grupo é importante no cotidiano do trabalho, identificam problemas e tomam decisões. As narrativas curtas são, assim, elementos importantes para a compreensão das relações entre o grupo, pois expressam, por exemplo, como os profissionais se relacionam com as famílias dos pacientes e mostram reflexões sobre como devem proceder, o que nos permite observar as identidades sociais/profissionais construídas nas reuniões.

Referências

1 - BARGIELLA-CHIAPPINI, F.; HARRIS, S. J. Interruptive strategies in British and Italian management meetings. **Text**, v.16, n.3, p. 269-297, 1996.

2 - BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v.3, n.2, 2005.

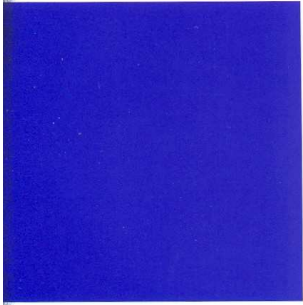
3 - GUMPERZ, J. J. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1982.

4 - LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

5 - MISHLER, E. The Analysis of Interview-Narratives. In SARBIN, T. (org.) **Narrative Psychology**. The storied nature of human conduct. New York: Praeger, 1986. p. 233-255.

ANEXO V

Certificados de participação em eventos científicos



CERTIFICADO



**V Congresso Internacional da
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
LINGÜÍSTICA**

Certificamos que JULIANA RIBEIRO LIMA apresentou a Comunicação Individual intitulada NARRATIVA E IDENTIDADE DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM REUNIÕES DE TRABALHO, em co-autoria com LILIANA CABRAL BASTOS, no V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, nos dias 28 de fevereiro, 1, 2 e 3 de março de 2007.

Prof. Jacyntho Lins Brandão
Diretor da Faculdade de Letras

Prof. Thaís Cristóforo Silva
Presidente da ABRALIN



**II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade
7, 8 e 9 de setembro de 2006
Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da
UFRJ e Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio**



PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



UFRJ

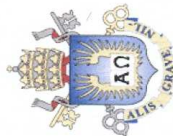
Certificamos que *Juliana Ribeiro Lima* participou do II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, realizado em 7, 8 e 9 de setembro de 2006, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 09 de setembro de 2006.

Comissão Organizadora



**II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade
7, 8 e 9 de setembro de 2006
Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da
UFRJ e Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio**



PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

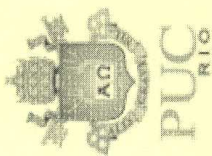


UFRJ

Certificamos que *Juliana Ribeiro Lima* participou como Coordenadora de Sessão no II Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, realizado em 7, 8 e 9 de setembro de 2006, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 09 de setembro de 2006.

Comissão Organizadora



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

DECLARAÇÃO

Juliana Ribeiro Lima

Declaramos que _____ participou, na qualidade de ouvinte, do **I SED - Simpósio de Estudos do Discurso**, promovido pela Área de Estudos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RIO, em 17 de janeiro de 2007, com 6 horas de duração.

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2007.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Luciana Cabral Bastos', is written over a horizontal line.

Luciana Cabral Bastos - Coordenadora de Pós Graduação
Lucia Pacheco de Oliveira - Diretora
Departamento de Letras

XIV Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio

29 de Agosto a 01 de Setembro de 2006

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

A Coordenação do Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro certifica que

Juliana Ribeiro Lima

participou do XIV Seminário de Iniciação Científica com o projeto intitulado:

“Narrativa e Identidades Profissionais na Área de Saúde”

